

Rua Cândido dos Reis

Começa na confluência do Largo António Baptista com a Travessa Xavier da Silva e finda no Largo dos Bombeiros Voluntários.

Desde o século XVI que se chamava Rua do Espírito Santo e tinha início junto à fachada nascente da igreja matriz, onde então se ligava à Estrada Real que seguia até Santana, passando pelo sítio das Boiças e, desviando-se aí da encosta do Castelo, virava à direita onde está a conhecida e centenária alfarrobeira. O traçado que hoje conhecemos foi feito no reinado de D. Luís, quando se construiu a estrada Cacilhas-Sesimbra – a anterior ligava Sesimbra ao Seixal – atravessando-se a antiga herdade da Vila Amália. O primitivo troço da estrada real, que



é a actual Rua Conselheiro Ramada Curto, ficou depois a ser conhecido por "estrada velha".

À época, no seu sentido descendente a rua chegava até à Igreja da Corporação Marítima do Espírito Santo dos Mareantes de Sesimbra, da qual recebeu o seu nome tradicional, confluindo aí com a antiga Rua Direita.

A mudança para o nome de Cândido dos Reis deu-se quase imediatamente à instauração da República.

Assim, a primeira vereação do novo regime, na sua reunião ordinária de 27 de Outubro de 1910, aprovou por unanimidade a proposta para que "fosse dado à Rua do Espírito Santo o nome de Cândido dos Reis, prestando assim a Câmara e, portanto, os munícipes republicanos deste concelho a justa homenagem devida àquele grande vulto da República que, pelos seus ideais liberais e altruístas, foi vítima da reacção".

Almirante da Marinha Portuguesa, Carlos Cândido dos Reis assentou praça a 18 de Maio de 1867 e reformou-se a 9 de Julho de 1909, no posto de Vice-Almirante.

Oficial distinto, comandou vários navios assim como a Escola de Alunos

A Rua Cândido dos Reis nos dias de hoje (foto da esquerda), e nos primeiros anos do século XX (foto da direita).



Marinheiros do Porto, a Escola de Torpedos Fixos e o Corpo de Marinheiros, sendo ainda instrutor da Escola Prática de Artilharia Naval.

Apologista dos ideais republicanos, foi um dos mais activos e influentes elementos do directório do partido, nos seus esforços para o derrube da Monarquia.

Muito conceituado entre os seus correligionários, que lhe admiravam os méritos de cidadão e militar, foi-lhe confiada a direcção do plano revolucionário que se cumpriu a 5 de Outubro de 1910. Numa das últimas e prolongadas reuniões do directório, que precederam a revolução, e perante a indecisão ou tibieza de alguns conspiradores, terá dito: "Que cada um cumpra o dever a que se obrigou. Se me julgasse incapaz de assumir o comando das forças que me estão confiadas, e de as conduzir até à vitória, dava um tiro na cabeça". A revolução não foi adiada, mas a falta

dum sinal de adesão que aguardava dos navios da Armada, ancorados no Tejo, e a confusão gerada por notícias falsas ou contraditórias, sobre o evoluir dos acontecimentos, embora as tropas revoltosas já estivessem na rua com grupos de populares armados, perturbaram gravemente o almirante. Homem de natureza ensimesmada, sofrendo de depressões, era porém de ânimo forte e de decisões inabaláveis, com o sentido da honra acima da própria vida. E, como chegou a confidenciar, sentiu no momento o peso da responsabilidade que assumira, ao arrastar tantos homens que nele confiaram, para a sublevação cujo êxito não chegaria a conhecer.

Julgando assim perdida a revolução que entretanto triunfava, Cândido dos Reis suicida-se na véspera do dia da proclamação da República.

António Reis Marques

